

# Funai cria dois postos no Xingu

Da subseção de  
BRASÍLIA

O presidente da Funai, coronel Nobre da Veiga, anunciou ontem, a criação de dois postos de vigilância na rodovia BR-080, que serão instalados nas duas margens do rio Xingu para controlar o movimento na área, trabalho que ficará a cargo de um destacamento da Polícia Militar. O coronel disse que não está preocupado com a possibilidade de que outras tribos indígenas, de onde ocorrem problemas de terra, venham a adotar a mesma atitude dos txucarramãe (massacrando os ocupantes brancos de suas reservas), acentuando que "o governo não aceita este tipo de imposição do índio para resolver seus problemas".

"No caso específico do Parque do Xingu, disse o coronel, estamos tentando solucionar a questão de forma a atender ambas as partes. Já iniciamos os estudos para ver a possibilidade de um desvio da BR-080, bem como a criação de uma reserva florestal e, se para isso for necessária a desapropriação das fazendas ali implantadas, a medida será adotada, mesmo contrariando os interesses de alguns fazendeiros."

Nobre da Veiga afirmou, ainda — rebatendo as acusações feitas pelos fazendeiros, que denunciaram a ação negativa de pesquisadores estrangeiros junto aos índios — que a Funai não pretende alterar a sua orientação na área de pesquisas. "Sempre que o trabalho interessar à Funai, ao pesquisador e à comunidade indígena, ele será realizado, independente dos pesquisadores serem brasileiros ou não."

O coronel anunciou, inclusive, que a Funai retomou os entendimentos com o Summer Institute of Linguistic, entidade religiosa norte-americana, que desenvolve, nos países do terceiro mundo, estudos no campo da linguística voltados para a elaboração de cartilhas bilingües. O Summer foi acusado, durante o governo Geisel, de desenvolver, ao lado do trabalho linguístico, a catequese de índios. Foi levantada, ainda, a suspeita de que alguns missionários estariam explorando minérios em áreas indígenas. "Estamos estudando o trabalho do Summer, disse o coronel, e podemos dizer apenas, que não admitimos proselitismo religioso junto aos índios."

Ainda em Brasília, o deputado Modesto da Silveira, eleito presidente da recém-criada Subcomissão do Índio, da Comissão do Interior da Câmara dos Deputados, afirmou ontem que os assassinatos de índios e peões vão continuar até o dia em que o governo tome consciência da necessidade de uma política séria e objetiva em defesa do silvícola.

"Na minha opinião, e com base no que tenho visto, afirmou Silveira, o assassinato de índios e peões permanecerá enquanto a Funai e o próprio Poder Executivo, como política geral, não removerem as causas desses assassinatos. E a primeira delas é a necessidade de demarcação das terras, já determinada por lei e não cumprida pelo Executivo e pela Funai.

## NOVO CONFLITO

Dois mateiros e um número ainda não levantado de índios do grupo arredo catuquina morreram, na semana passada, durante um conflito na bacia do rio Javari, Estado do Amazonas, segundo a informação divulgada ontem, em Brasília, pela Sociedade Brasileira de Indigenismo.

De acordo com a SBI, o representante da Funai na região, tenente Marcos Benn, nada sabe informar sobre o caso, pois não mantém qualquer tipo de assistência para a comunidade.

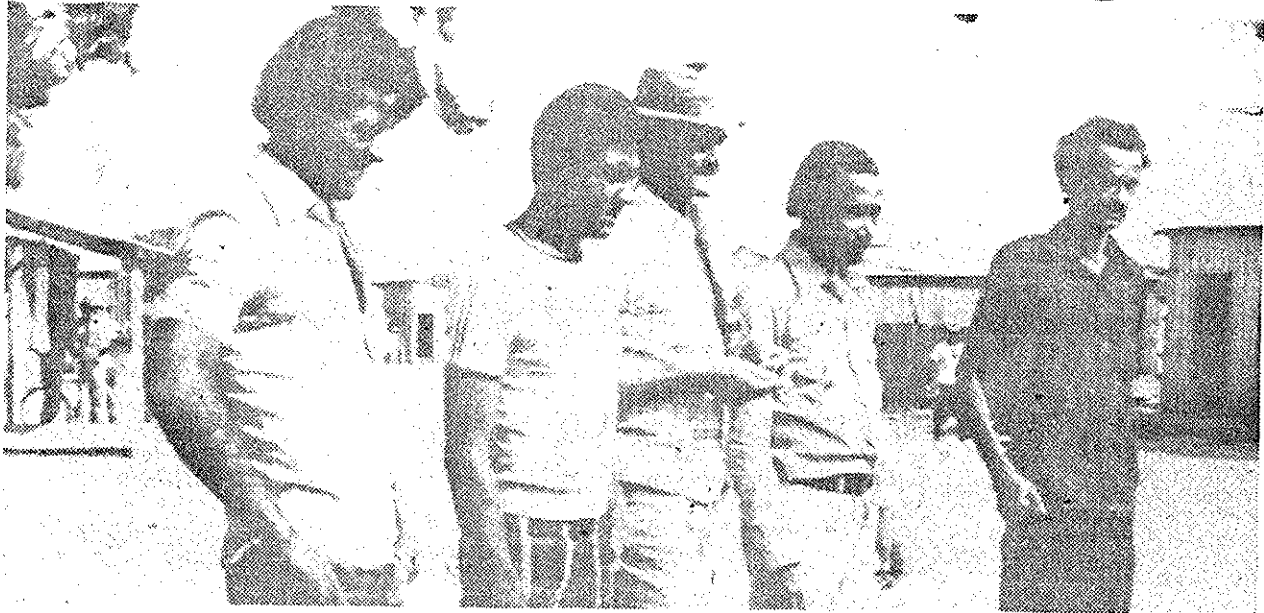


Foto Sérgio Borges — Telefoto Estado

Na fazenda São Luís, os peões sobreviventes relatam como se deu o massacre

## Para a polícia, o balseiro pode ter incitado massacre dos peões

CARLOS AUGUSTO GOUVEA  
Enviado especial

A Polícia Federal está procurando o balseiro Aníbal Fanchini, responsável pela travessia do rio Xingu, na BR-80, a estrada que atravessa o Parque Nacional do Xingu, porque acredita que ele possa ter sido o incitador do massacre dos 11 peões da fazenda São Luís, na sexta-feira da semana passada, por índios txucarramãe, crainhacore, caiabi, suiá e juruna. A balsa de Aníbal fica perto do local do massacre, e ele é bastante considerado pelos índios que, entretanto, o apontaram como a pessoa que os teria avisado da presença dos peões na fazenda, além de informar que na sexta-feira chegariam mantimentos levados pelo gato (contratador de peões) Benedito Holanda.

Também os fazendeiros acusam Aníbal de incentivador do massacre, uma vez que dias antes do ataque dos índios ele teria comentado em São José do Xingu, ou São José do Bang-Bang — como é conhecida a localidade que serve como entreposto comercial e ponto de contratação de peões para as fazendas da área — a respeito da iminência de problemas entre índios e peões. Desde o dia em que morreram os peões, o balseiro desapareceu de Bang-Bang e os seus familiares dizem a todos que ele viajou para Luciara, a sede do município onde ficam as fazendas — mas nesta cidade ninguém o viu até agora.

O próprio delegado da Polícia Federal, Jaime de Paula Ferreira, que chefiava a equipe de 16 policiais encarregados das investigações e do inquérito, apesar de prometer achar e ouvir Aníbal "de qualquer maneira, nem que seja no inferno", parece não pretender optar pela explicação simplista que aponta o balseiro como único responsável pelo massacre. Afinal, ele é uma pessoa muito pouco interessada em conflitos, uma vez que fatura cerca de Cr\$ 8 mil pela travessia ida e volta de um caminhão, e o clima de tensão na área o impede de trabalhar, até mesmo porque a primeira providência dos índios após o massacre foi afundar a balsa, interditando a estrada.

E se prevalecer a disposição da Funai, que mesmo depois da recuperação da balsa, providenciada anteontem, não autorizou o seu

funcionamento e pretende substituí-la por uma embarcação da Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste — Sudeco —, o prejuízo de Aníbal não ficará apenas nos quase 50 caminhões de voltaram de Bang-Bang sem cruzar o rio Xingu. Ele terá de conseguir outro trabalho, uma vez que a Sudeco tem seus próprios balseiros, que por sua vez poderão experimentar problemas, porque os índios garantem aceitar apenas Aníbal para operar a balsa.

O delegado Jaime, depois de ouvir durante dois dias os índios da aldeia cretine que participaram do massacre, os cinco peões sobreviventes e fazendeiros da área, diz estar como começou em matéria de conclusões: "Na verdade, isto é uma guerra de miseráveis, onde todos têm alguma razão e alguma responsabilidade". O inquérito continuou anteontem e ontem com a exumação dos onze cadáveres, que estão enterrados no local do massacre, porque a polícia queria ter certeza de que não foram usadas armas de fogo, principalmente pelo fato de alguns fazendeiros insistirem na versão de que havia um branco entre os índios.

Embora ninguém tenha dito como surgiu esta suposição, os policiais estão inclinados a aceitar a idéia de que a confusão foi causada pela participação de alguns índios caiabis no massacre, e estes têm um tipo físico que pode ser confundido com nordestinos. De qualquer forma, ficou constatado não existirem ferimentos por armas de fogo, mesmo porque os índios fizeram questão, como manda o ritual dos ataques, de deixar uma borduna ao lado de cada cadáver.

Dos seis sobreviventes, a polícia só não ouviu Délio Ribeiro Soares, que está internado no Hospital Distrital da Base, em Brasília. Os outros — Benvindo Soares, de Porteira, Minas Gerais; Américo Rodrigues, de Bom Jesus da Lapa, Bahia; Antônio Dias Mendonça, de Iporá, Goiás; Manoel de Souza Lima, de Sem Vão, no Piauí, e Francisco Oliveira Silva, de Araraná, Paraíba — já contaram como foi para eles a visão do massacre.

O único que viu os índios foi Manoel (mesmo assim por pouco tempo): "Eu vi os índios chegando; eram uns 30 na frente e um grupo muito maior atrás. Senti que podia complicar, corri para trás do barra-

ção e caí no mato. Só parei quando cheguei a São José, mas quatro horas depois". Todos eles contam que na hora do massacre ninguém estava trabalhando, e que a maior parte dos peões aproveitava a hora de folga para lavar roupa e cozinhar. Além de Manoel e Délio, que escaparam fugindo, o último chegou a ser atingido no braço e no ombro, ficando ferido gravemente. Os outros sobreviventes estavam longe da área onde o grupo trabalhava, e quando chegaram ao local não havia mais índios. Todos fugiram imediatamente para São José — após três a quatro horas de caminhada — com exceção de Francisco, que ficou perdido dois dias na selva.

Quando a notícia chegou a Bang-Bang, fazendeiros e peões organizaram imediatamente um grupo de 100 homens com a intenção de vingar os mortos, mas foram impedidos pelo destacamento da Polícia Militar do Mato Grosso, no local, que procurou contato imediato com a Polícia Federal, em Cuiabá. Apenas no domingo chegou a autorização para que um grupo, acompanhado pelos policiais, fosse ao local para enterrar os corpos. Neste grupo foi o fotógrafo de Bang-Bang, maranhense que também exerce as funções de barbeiro, motorista de caminhão e pedreiro.

Da parte dos índios, as versões confirmam o que o cacique Raoni, da tribo txucarramãe disse na Funai, em Brasília. Segundo o índio Uai-Uai, também txucarramãe, a intenção era apenas assustar os peões e afastá-los do local. De acordo com Uai-Uai, "a gente não queria matar. Orlando (Vilas Boas) sempre disse que índio não devia matar mais. Então Raoni disse que era para a gente tirar a roupa dos peões, as ferramentas, dar uma surra e deixar eles irem embora". Mas quando chegaram, contou Uai-Uai, eles foram insultados.

"Índio bateu — disse ele — e acabou matando."

Esta versão é colocada em dúvida até pelos homens da Funai, porque muito pouca gente pode acreditar que 12 peões desarmados tenham tido coragem de enfrentar cerca de 90 índios bem armados e pintados para a guerra. De qualquer forma é apenas mais uma especulação dentre as muitas que surgem nestes dias de tensão em São José do Bang-Bang.